



A PRESERVAÇÃO DO PENSAMENTO CONSERVADOR E A COLONIZAÇÃO INTERNA NO BRASIL

Klondy Lúcia de Oliveira Agra¹

A cultura não é só o primeiro passo para se ser humano, isto é, para se poder valorizar a humanidade, como também, enquanto exercício de intersubjetividade, o primeiro passo para a aprendizagem da democracia, isto é para dar voz ao outro, mesmo quando ela não ressoa a nossa.

Humberto Eco (2001)

RESUMO

Neste artigo, através de pesquisa qualitativa bibliográfica, com base nos estudos culturais, verifica-se o que é o pensamento conservador, averigua-se em quais premissas o conservadorismo no Brasil se assegura, faz-se um paralelo entre o conservadorismo brasileiro e o pensamento colonizador, e a que se pode chamar de colonialismo interno no Brasil, com o objetivo principal de conduzir o leitor, pesquisador ou não, a repensar e redesenhar planos e projetos para um futuro menos excludente no qual se respeite e preserve a diversidade cultural brasileira. Ao fazer um paralelo das ideias conservadoras no Brasil e o pensamento colonizador, observou-se que ambos carregam a colonialidade. Uma colonialidade que, para aqueles pretensos colonizadores que a carregam, e que hoje se reconhecem como conservadores, é uma realidade colonial, tão verdadeira hoje como foi no período colonial, cujas características do pensamento são tão espantosas que chegam a negar a possibilidade de coexistência dos dois lados: *nós*, a parte da humanidade que deve se firmar e *eles*, a parte da humanidade que deve ser sacrificada.

Palavras-chave: Sentido, Cultura, Colonialismo, Colonialidade, Conservadorismo.

ABSTRACT

In this article, through a qualitative bibliographical research, based on cultural studies, it is verified what is the conservative thought, it is verified in what premises the conservatism in Brazil is assured, it is made a parallel between the Brazilian conservatism and the thought colonizer, and what can be called internal colonialism in Brazil, with the main objective of leading the reader, researcher or not, to rethink and redesign plans and projects for a less exclusive future in which Brazilian cultural diversity is respected and preserved. By making a parallel between conservative ideas in Brazil and colonizing thought, it was observed that both carry coloniality. A coloniality that, for those would-be colonizers who carry it, and who today recognize themselves as conservatives, is a colonial reality, as true today as it was in the colonial period, whose characteristics of thought are so astonishing that they even deny the possibility of coexistence of the two sides: we, the part of humanity that must stand, and them, the part of humanity that must be sacrificed.

Keywords: Sense, Culture, Colonialism, Coloniality, Conservatism.

¹ Doutora em Geografia pela UFPR, membro do GEP Cultura. Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNIR klondy2@gmail.com

INTRODUÇÃO

A constante crise política e econômica no Brasil pode ser o resultado de sua colonização europeia e do pensamento que conduziu todo esse processo de colonização pelos países europeus. Uma colonização cuja verdade era fixada na máxima formulada por Aristóteles e absorvida pelos países colonizadores que definia a lógica das leis e do exercício da autoridade: a manutenção da desigualdade entre os seres humanos².

Com a separação imposta pelo governo português, que seguia fielmente a dialética aristotélica que definiu a política “ Todos os homens que diferem entre si para pior, no mesmo grau em que a alma difere do corpo e o ser humano difere de um animal, são naturalmente escravos, e para eles nada melhor do que estarem sujeitos à autoridade de um senhor”, a divisão de classes no Brasil se deu com diferenças marcantes e a elite brasileira preserva seus resquícios até os dias de hoje, fato que personaliza o colonialismo interno no Brasil.

A máxima aristotélica, utilizada desde a antiguidade e aplicada à política, traz seus resquícios não só ao Brasil, mas a todos os países da América Latina colonizados por europeus. No Brasil, nos últimos anos, essa máxima tem sido fortemente levantada e conduziu o país a extremos de ódio.

Neste artigo, pretende-se discutir sobre o pensamento colonizador, o colonialismo e o colonialismo interno, e como costumes, tradições e ensinamentos com base nestes pensamentos trazem ao Brasil preconceitos que prejudicam pessoas, povos e culturas.

Acredito que este estudo é importante para a Geografia porque é essa ciência que se preocupa não somente com as lutas no/ou pelo espaço, natural ou modificado pelo homem, mas também, pelos sentidos, percepções e representações dos seres humanos, se interessando pelas lutas nesse espaço, porque é através dos sentidos culturalmente construídos que se mudam as realidades ambientais, sociais e espaciais. E são esses sentidos colonizadores, presentes em falas e projetos, que influenciam e mudam cenários e modos de vida, trazendo consequências diversas ao homem/mulher/terra que são o objetivo fim dos estudos geográficos.

Através de pesquisa qualitativa bibliográfica, com base nos estudos culturais, verifica-se o que é o pensamento conservador, averigua-se em quais premissas o conservadorismo no

² A igualdade geométrica é a concepção de igualdade que Aristóteles entendia como a correta para a sociedade grega. Na análise da igualdade Aristóteles partia do pressuposto da existência de diferenças naturais entre pessoas a permitir uma hierarquização já instalada na própria natureza, tanto que ele afirma que as leis poderiam visar o interesse das “melhores pessoas” (ARISTÓTELES, p. 92).

Brasil se assegura, faz-se um paralelo entre o conservadorismo brasileiro e o pensamento colonizador, e a que se pode chamar de colonialismo interno no Brasil, com o objetivo principal de conduzir o leitor, pesquisador ou não, a repensar e redesenhar planos e projetos para um futuro menos excludente no qual se respeite e preserve a diversidade cultural brasileira.

UMA VISÃO GERAL SOBRE O CONSERVADORISMO

O conservadorismo, ideias que vem do século XVIII, se constituiu como ideologia e estratégia política das classes dominantes no período da modernidade. De acordo com Souza (2020) a formação do conservadorismo clássico pode ser identificado entre 1789 e 1914. Período histórico que recobre mais de um século e coincide com dois grandes acontecimentos históricos: vai da Revolução Francesa até o início da primeira guerra mundial (Souza. 2020).

A partir daí, o conservadorismo e sua ideologia passam a aglutinar em torno de si as classes dominantes dos principais países europeus nos momentos de crise. Em princípio, definia-se como reação aristocrática contra as novas formas políticas, culturais e econômicas produzidas pela formação e consolidação do capitalismo. Porém, sobretudo após as revoluções de 1848, o conservadorismo aderiu ao capitalismo, consolidando-se, junto ao liberalismo. No entanto, com as mudanças mundiais, o conservadorismo vai além, adquire diferentes tonalidades, tendências e características, variando prioritariamente conforme particularidades nacionais e regionais.

Os ditos *conservadores*, na contemporaneidade, procuram acusar aqueles que lutam por avanços civilizatórios de serem *inimigos da sociedade*, de suas instituições e tradições. Os conservadores da atualidade estendem o leque de acusações, empregando termos tais como: ateus, fanáticos, despóticos, egoístas, dogmáticos, tirânicos, irracionais, etc. para (des)qualificar aqueles que fazem críticas aos seus interesses. Tanto o conservadorismo clássico como o contemporâneo não respeitam a democracia.

O SENTIDO CULTURALMENTE CONSTRUÍDO, O COLONIALISMO E A COLONIALIDADE

Os sentidos humanos, embora façam parte da consistência humana, são sempre influenciados pelo contexto e cenário, ou seja, por serem construídos culturalmente, é por meio desses sentidos que os seres humanos se relacionam com o meio. Assim, cada homem/mulher, a partir de sua cultura, do seu mundo vivido, percebe o mundo exterior de formas distintas.

No Brasil, um país colonizado, com forte influência europeia (e hoje estadunidense) os diferentes pontos de vista geram crises de sentido que conduzem a compreensões errôneas. Para compreender como se dão essas controvérsias torna-se necessário entender a noção de colonialismo, colonialidade, como se constroem os sentidos dentro de uma cultura e como sentidos repletos de colonialidade são responsáveis pelo colonialismo interno no Brasil.

Colonialismo é um fenômeno associado às conquistas, aos assentamentos e ao controle administrativo sistemático da Europa no século XIX (estruturas institucionais de governo, sistema legal, domínio militar); frequentemente considerado um processo violento. Nessa acepção o Colonialismo possui fortes bases econômicas, é fonte de matéria prima, novos mercados, mão de obra, soldados. Com fundamentação racial dicotômica, essa interpretação considera a Europa como avançada, progressiva e moderna (nós) versus os nativos retrógrados, primitivos e atrasados (eles). O Colonialismo traz consigo a imposição das práticas do colonizador sob o povo colonizado, apaga sua história e crenças, e está envolto nas formas de aquisição e desenvolvimento de conhecimento sob os interesses do povo que coloniza (QUIJANO, 2007).

Por outro lado, a colonialidade é entendida como uma dimensão simbólica do colonialismo que mantém as relações de poder que se desprenderam da prática e dos discursos sustentados pelos colonizadores para manter a exploração dos povos colonizados. Restrepo e Rojas (2012) a definem como um fenômeno histórico complexo que se estende para além do colonialismo, referindo-se a um padrão de relações de poder que opera pela naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais, de gênero e epistêmicas. A naturalização é o que possibilita a reprodução das relações de dominação. Esse padrão de poder mantém e garante a exploração de uns seres humanos sobre outros e subalterniza e oblitera os conhecimentos, experiências e formas de vida do grupo que é explorado e nominado (RESTREPO; ROJAS, 2012).

A colonialidade se refere à ideia de que, mesmo com o fim do colonialismo, uma lógica de relação colonial permanece entre os saberes, entre os diferentes modos de vida, entre os Estados-Nação, entre os diferentes grupos humanos (MIGNOLO, 2013).

Os Estados-nação periféricos e os povos não-europeus vivem hoje sob o regime da colonialidade global imposto pelos Estados Unidos, através do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial (BM), do Pentágono e da OTAN. As zonas periféricas mantêm-se

numa situação colonial, ainda que já não estejam sujeitas a uma administração colonial. Se o colonialismo termina, a colonialidade se propaga ao longo do tempo (QUIJANO, 1998).

Essa propagação se dá através dos sentidos construídos dentro da cultura de cada um (família, escola, igreja etc.), são repassados e constroem sentidos repletos de colonialidade em outros(as). Sentidos esses que, na pretensão de que um homem é superior a outro, criam preconceitos, racismo, homofobia etc. e conduzem o país a enorme diferença social e bipolaridade, sem a capacidade de ver/ouvir o outro, ou respeitar diferenças culturais.

O TERMO COLONIALISMO INTERNO

De acordo com González Casanova (2007), o colonialismo interno está originalmente ligado aos fenômenos de conquista, em que as populações de nativos não são exterminadas e tomam parte, primeiro do Estado colonizador e depois do Estado que adquire uma independência formal, ou que inicia um processo de libertação ou de recolonização. As relações geradas dentro do Estado-Nação, com preconceitos e um olhar de supremacia daquele que, mesmo sendo um colonizado, imita o colonizador e replica sentidos colonizadores constituem o colonialismo interno. Uma estrutura prolongada de relações sócias de dominação e exploração entre grupos sociais heterogêneos dentro de sociedades duais ou plurais (GONZÁLEZ CASANOVA, 1965).

Para observar o fenômeno do colonialismo interno, é necessário lembrar que ele se dá em diferentes campos, tais como: o econômico, o político, o social e o cultural. Para uma definição concreta da categoria de colonialismo interno, requer conhecer também como se desenvolveu através da história do estado-nação e do capitalismo tal colonialismo e como ele se relaciona com alternativas emergentes, sistêmicas e antissistêmicas, em particular as relativas às *resistências* e à *construção* de autonomias dentro do Estado-Nação, quanto à criação de links (ou ao ausência destes) com os movimentos e forças nacionais e internacionais de democracia, libertação e socialismo.

Necessário lembrar, também, que o contraste entre os estados-nação pós-coloniais e os grandes impérios ocidentais que os colonizaram parte de um divisor que superestima a ruptura pós-colonial e da constatação de que muitos dos processos históricos que marcaram a construção e perpetuação dos impérios coloniais se encontram internalizados nos estados-nação nascidos a partir de ex-colônias.

O colonialismo interno tem sido uma categoria tabu para correntes ideológicas muito diferentes. No entanto, ao observar de perto o que se passa no interior da colonização interna é

inevitável que a ideia de construção da nação tenha uma ressonância forte com o ponto de vista historiográfico das elites econômicas e políticas que capitanearam a formação dos estados-nação pós-coloniais. Esse processo de construção de hegemonias nacionais na esteira das independências, na América Latina e em países colonizados, tem sido descrito na literatura através de noções já bem consolidadas como a *invenção da tradição* de Hobsbawm e Ranger (1984) e as *comunidades imaginadas* de Benedict Anderson (2008).

Pode-se afirmar que não há nada imemorial, ou essencial, nas identidades nacionais; e que estes processos históricos têm envolvido relações de poder de longa duração, a partir das quais certos grupos lograram impor sua própria ideologia e interesses como horizonte hegemônico para o restante da nação, consolidando o colonialismo interno nesses países.

CONSERVACIONISMO BRASILEIRO E O PENSAMENTO COLONIZADOR

No Brasil, as ideias conservadoras começaram a serem fortemente disseminadas como uma apropriação dos pensamentos que passaram a invadir a política norte americana a partir de 2012. Um conservadorismo mais extremado e responsável pela *guinada à direita* do Partido Republicano, que se caracteriza por políticas ultraconservadoras, tais como: rejeição sistemática ao aborto; ênfase na família como uma instituição constituída exclusivamente por um homem e uma mulher; apoio irrestrito a Israel; defesa enfática e unilateral dos valores norte-americanos no mundo; rejeição ao estado de bem estar social através da diminuição sistemática do papel e do tamanho do governo na economia norte-americana; entre outras (Vidal, 2013).

Com apropriação do discurso conservador americano, o conservadorismo no Brasil, somado a colonialidade construída com sentidos passados e repassados de gerações a gerações, cria uma forma específica brasileira, ideológico, partidário e com imensa rejeição aos projetos sociais e aos direitos humanos.

De acordo com Calil (2016), o “(...) inegável avanço da direita no Brasil nos últimos anos” acentua elementos de uma herança histórica que, através de contradições, não foi inteiramente superada. Pelo contrário, permanece presente no cotidiano e nos interesses das classes dominantes e dominadas, influenciando, sobretudo, suas escolhas políticas, ideias, valores, costumes e relações sociais. Um conservadorismo que após Trump (eleito presidente dos Estados Unidos em 2016) e Bolsonaro (eleito em 2018 no Brasil) trouxe a ambos os países uma enxurrada de *Fake News*, propagando ódio à democracia, aos direitos humanos, às diferenças etc.(AGRA, 2022).

De acordo com Ferreira e Botelho (2010), que identificou *um pensamento conservador à brasileira*, há uma espécie de confluência de determinações ideológicas (no seu sentido amplo e restrito) herdadas do passado colonial e escravocrata com princípios e valores (ordem, autoridade, disciplina, hierarquia, *meritocracia*, entre outros) sistematizados em teorias (mas também em pedagogias nas relações de trabalho e religiosas) cuja função social e desdobramentos efetivos redundam, sobretudo, em tendências antidemocráticas e de *hipocondria* anticomunista, além da produção de uma cultura política contrária à noção de conquista de direitos dos trabalhadores. Como se pode notar, trata-se de uma proposta que contribui para a elevação da intolerância, discriminação, com a colonialidade latente e toques do darwinismo social.

Ao fazer um paralelo do conservadorismo no Brasil e do pensamento do colonizador, vê-se que os sentidos de ambos tem vários pontos em comum. Observe: O *Conservadorismo à brasileira* é vestido pelas classes que se julgam superiores, são contra a mitigação do sofrimento dos menos favorecidos; cevam a miséria e a constroem ativamente; querem o domínio; julgam os menos favorecidos como sugadores de suas benesses; defendem a meritocracia, sem pensar que sem leis afirmativas e auxílios governamentais muitos não tem e nunca terão a mesma chance; apropriam-se de terras e bens da união, não respeitam as populações tradicionais e desenvolvem uma mistura de medo e raiva em relação aos mais excluídos, com auxílio de discursos e narrativas de ódio, defendem a moral e a família. O colonizador queria o domínio, a posse e os bens, sentia-se superior, sem respeitar o local, colocava a raça como marcador de superioridade/inferioridade, dominava não somente pela força, mas também pela língua e imposição de religião, ideias e pensamentos.

Ao se observar sobre o colonialismo interno e o pensamento colonizador é bom notar o que Mignolo (2005) afirma sobre a diferença colonial que transformou-se e reproduziu-se no período nacional, passando a ser chamada de *colonialismo interno*. O colonialismo interno, afirma o autor, é a diferença colonial exercida pelos líderes da construção nacional. No Brasil, o colonialismo brasileiro é perpetuado pelo conservadorismo, pelo medo de mudança e percas de privilégios.

Fatos notáveis se verificam com a colonialidade interna no Brasil que seguem linhas geográficas: divisores como litoral/interior, rural/urbano, sul/norte são seguidamente utilizados como tema de discussões que insistem em marcar a superioridade de uns sobre outros.

Por isso, verifica-se então que, embora grande parte da sociedade brasileira não se diga conservadora, está repleta de preconceitos que são repassados através dos sentidos colonizadores. Sentidos construídos dentro de grupos familiares e transmitidos de geração a

geração através de tradições e ensinamentos com base nesses pensamentos do colonizador e fortalecem a colonialidade no Brasil, aumentando as diferenças, repletos de preconceitos, prejudicam pessoas, povos e culturas.

RESULTADOS

Os ditos conservadores, na contemporaneidade, carregados de sentidos colonizadores, alimentados pela colonialidade latente, ou seja arremedos do colonizador, na tarefa de se construir diferente e pertencer a elite e não ao povo, constroem e dão força ao colonialismo interno brasileiro e procuram acusar aqueles que lutam por avanços civilizatórios de serem inimigos da sociedade, de suas instituições e tradições.

Desse modo, o colonialismo interno brasileiro, através dos que se dizem conservadores, propaga seus sentidos colonizadores e estende o leque de acusações, empregando termos tais como: ateus, fanáticos, arbitrários, egoístas, dogmáticos, tirânicos, irracionais, comunistas etc. para (des)qualificar aqueles que fazem críticas aos seus interesses, alimentando sentimentos antidemocráticos e o desrespeito ao outro.

Um colonialismo interno que extremado e responsável pela guinada à direita, se identifica nas diversas tentativas de políticas ultraconservadoras e cortes sistemáticos de direitos. Ademais, com o conservadorismo, somado a colonialidade construída com sentidos passados e repassados de gerações a gerações na formação desse colonialismo interno, acentua elementos de uma herança histórica que, através de contradições, não foi inteiramente superada.

Pelo contrário, permanece presente no cotidiano e nos interesses das classes dominantes e dominadas, influenciando, sobretudo, suas escolhas políticas, ideias, valores, costumes e relações sociais. Um colonialismo que, após Bolsonaro (eleito à presidência do Brasil em 2018), trouxe ao país uma enxurrada de Fake News, propagando ódio à democracia, aos direitos humanos, às diferenças etc.(AGRA, 2022).

A colonialidade interna brasileira herdada do passado colonial e escravocrata com base firmada em princípios e valores como: ordem, autoridade, disciplina, hierarquia, meritocracia, entre outros, sistematizados em teorias e pedagogias nas relações de trabalho e religiosas cuja função social e desdobramentos efetivos resultam em tendências antidemocráticas e de hipochondria anticomunista.

Uma colonialidade orientada por pessoas com forte ideologia de extrema direita, modifica e/ou fortifica seus valores culturais, gerando impressões destes valores em outras mentes, o que lhe torna possível um construto cultural compartilhado que o leva à

representações subjetivas, pessoais, sobre as pessoas e a cultura de seu próprio país . Além da produção de uma cultura política contrária à noção de conquista de direitos dos trabalhadores, contribui para a elevação da intolerância, discriminação, imperialismo, darwinismo social, apropriações indébitas, desrespeito à natureza e à culturas diversas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a certeza de que não só a Geografia, mas outras ciências devem ter um olhar atento à formação da sociedade brasileira, aos sentidos construídos e repassados de geração a geração e aos pontos de vista que tais sentidos geram em cada indivíduo para conhecer e, desse modo, criar instrumentos para combater a colonialidade instalada. Pois é essa colonialidade, vontade de ser colonizador, com preconceitos, compreensões errôneas e alheio aos direitos humanos que conduzem o Brasil a desmandos e crises constantes.

Sugere-se, portanto, futuros estudos que considerem pensar na decolonização de mentes, isso pressupõe evidenciar as assimetrias de poder presentes na sociedade. Além de pensar no diálogo com saberes fronteiriços, epistemologias do sul e na interculturalidade.

Ademais, com essas contribuições, considera-se a necessidade da ampliação da discussão na Geografia e em outras ciências, re(visitando) entre mundos, entre saberes, vidas e percepções. Lembrando que é o - *o entre lugar* - que leva o fardo do significado da cultura. É o que faz possível começar a enfrentar histórias antinacionalistas sobre os povos. E, é através da exploração deste terceiro espaço que podemos iludir a política de polaridade e emergir como os outros em nós mesmos, construindo novos sentidos ou reavaliando sentidos culturalmente construídos.

Ou seja, estudos que, por estarem *entre*, questione as distribuições e divisões, as hierarquias, as valorações e que se coloque entre o que está prescrito e o que está excluído; estudos que primem pela (re)configuração dos campos de saber, na medida em que olha para perspectivas subalternizadas e saberes marginalizados. Novos estudos que construam novos conhecimentos e outras relações em termos igualitários, sempre evidenciando as assimetrias de poder. Só com esforço a colonização interna brasileira, construtora de tantos desmandos, poderá ser combatida e, assim, decolonizando mentes, redesenhar um futuro onde cidadãos sejam iguais e se respeite a diversidade cultural brasileira.



REFERÊNCIAS

AGRA, Klondy Lúcia de O. A presença do *double bind* no discurso de Jair Bolsonaro: estratégia, incompetência ou insanidade? Revista Redes, 244-269. Ed. **Clacso**. 2022.

BOTELHO, André. (orgs.) Revisão do pensamento conservador: ideias e política no Brasil. São Paulo: **Hucitec: Fapesp**, 2010.

FERREIRA, Gabriela N. e BOTELHO (orgs.). Revisão do pensamento conservador: ideias e política no Brasil. São Paulo: **Hucitec: Fapesp**, 2010.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. Sociedad plural, colonialismo interno y desarrollo. América Latina: Revista del Centro Latinoamericano de Investigaciones en Ciencias Sociales, **VI (3)**, Río de Janeiro, 1965.

_____. Colonialismo interno (uma redefinição). A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. **Buenos Aires**, 2007.

MIGNOLO, W. A colonialidade de cabo a rabo - o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. A colonialidade de cabo a rabo - o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. Perspectivas Latino-Americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. **Buenos Aires**, 2005.

_____. Historias Locales/diseños Globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: **Akal**. 2013.

RESTREPO, E., & ROJAS A. Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos. Colombia: Ed. Universidad del Cauca, **Popayán**. 2012.

QUIJANO, Aníbal, “La colonialidad del poder y la experiencia cultural latino-americana”, in Roberto Briceño-León; Heinz R. Sonntag (orgs.), *Pueblo, época y desarrollo: la sociología de América Latina*. Caracas: **Nueva Sociedad**, 139-155. 1998.

_____. “Coloniality and modernity/rationality”. *Cultural Studies*, 21 (2-3): 22-32. 2007.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. Tendências ideológicas do conservadorismo [recurso eletrônico] / Jamerson Murillo Anunciação de Souza. – Recife : **Ed. UFPE**, 2020.

VIDAL, Camila Feix. O Movimento conservador norte-americano da década de 1950 e a percepção conservadora a respeito da sociedade, economia e política externa. in: Tomo : revista do Programa de Pós- -Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais / Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, **Universidade Federal de Sergipe**. – n. 23 (jul./dez. 2013).